

Funcionamento semântico-enunciativo das palavras *manifestante* e *manifestação*

Semantic-enunciative functioning
of the words *demonstrator* and *demonstration*

Geane Cássia Alves Sena¹

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo compreender o funcionamento semântico-enunciativo das palavras *manifestante* e *manifestação* no discurso do Estado, representado aqui pelo pronunciamento da ex-presidente do Brasil Dilma Rousseff — em rede nacional de rádio e televisão — no dia 21 de junho de 2013. Para tanto, recorreu-se aos procedimentos de análise propostos pela Teoria da Semântica do Acontecimento, desenvolvida por Guimarães (2005; 2007a; 2007b; 2011; 2018). Após a realização das análises, foi possível compreender que o sentido de *manifestante* e *manifestação* se constitui a partir da relação que essas palavras estabelecem com outras palavras nos enunciados nos quais funcionam. Assim, o pronunciamento analisado se constitui como um acontecimento enunciativo que se caracteriza como um espaço de constituição de sentidos e de divisão de línguas.

Palavras-chave: Manifestante. Manifestação. Semântica do Acontecimento. Discurso do Estado. Dilma Rousseff.

Abstract: This research aims to understand the semantic-enunciative functioning of the words *demonstrator* and *demonstration* in the State's discourse, represented here by the statement of the ex-president of Brazil Dilma Rousseff, in national radio and television, on June 21, 2013. To this end, we used the analysis procedures proposed by the Event-Based Semantic Theory, developed by Guimarães (2005; 2007a; 2007b; 2011; 2018). After carrying out the analyzes, it was possible to understand that the meaning of *demonstrator* and *demonstration* is constituted from the relationship that these words establish with other words in the statements which they work. Thus, the analyzed pronouncement constitutes itself as an enunciative event that stands out as a space for the constitution of meanings and for the division of languages.

Keywords: Demonstrator. Demonstration. Event-based Semantic. State discourse. Dilma Rousseff.

¹ Universidade do Estado de Minas Gerais, Coordenadoria de Educação a Distância, Pró-Reitoria de Graduação, Reitoria. Belo Horizonte, MG, Brasil. Endereço eletrônico: geaneasena@gmail.com.

Introdução

Quando o assunto são as manifestações ocorridas no ano de 2013 no Brasil, encontramos uma diversidade de textos publicados sobre essa temática, como artigos científicos, textos oficiais produzidos pelo Governo Federal, notícias, reportagens, entre outros. Entre esses textos, há o discurso proferido pela ex-presidente do Brasil, Dilma Rousseff, o qual tomaremos para análise do funcionamento semântico-enunciativo das palavras *manifestante* e *manifestação*, em decorrência da onda de manifestações que tomou as ruas do país no mês de junho de 2013.

Nessa perspectiva, esta investigação tem como principal objetivo compreender o funcionamento semântico-enunciativo das palavras *manifestante* e *manifestação* no discurso do Estado. Ainda, busca responder às seguintes questões: Como as palavras *manifestante* e *manifestação* significam no acontecimento enunciativo que tomamos para análise? Quais sentidos são produzidos na relação em que os termos *manifestante* e *manifestação* estabelecem com outras palavras/expressões, no acontecimento de linguagem do qual fazem parte?

A fim de alcançarmos o nosso objetivo, esta pesquisa classifica-se como descritiva, uma vez que se fez necessário descrevermos e analisarmos informações acerca do fenômeno pesquisado. Ainda, caracteriza-se como bibliográfica, pois recorreremos a materiais já publicados, como artigos científicos, livros, entre outros. Ademais, é de caráter documental, ao ter um documento como objeto de estudo, e de abordagem qualitativa.

O *corpus* da pesquisa constitui-se do pronunciamento oficial proferido pela ex-presidente do Brasil, Dilma Rousseff, em rede nacional, no dia 21 de junho de 2013, disponível no site da Biblioteca da Presidência da República². Para a seleção desse texto, consideramos o dia 20 de junho de 2013, data em que ocorreu a maior manifestação popular pelas ruas do país. Além disso, realizamos as nossas análises com foco apenas nos elementos verbais, que atuam, em conjunto com elementos não linguísticos, na construção do sentido desse pronunciamento.

Este artigo, inicialmente, traz uma abordagem acerca da Semântica do Acontecimento e sua contribuição para a constituição de sentidos. Em seguida, trata do Domínio Semântico de Determinação (DSD), dos procedimentos de reescrituração e de articulação. Depois, apresenta as análises, com a constituição da cena enunciativa e das designações de *manifestante* e *manifestação*.

² Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/pronunciamento-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-em-cadeia-nacional-de-radio-e-tv>.

A semântica do acontecimento e a constituição de sentidos

Ao pesquisarmos no dicionário Aurélio a palavra *manifestação*, encontramos alguns significados, como: “Ato ou efeito de manifestar-se. 2. Demonstração. 3. Homenagem pública e coletiva” (Ferreira, 2001, p. 444).

No Dicionário Houaiss (2001), o termo *manifestante* está significado a partir das seguintes acepções:

- *adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros*
 - 1 *que ou aquele que se manifesta*
 - 1.1 *que ou aquele que participa de manifestação pública de caráter político, reivindicatório etc. Exs.: grupos m. milhares de m. percorreram as ruas da cidade.*

No entanto, diferentemente do que ocorre no senso comum, não basta apenas recorrermos ao dicionário para sabermos o sentido de uma palavra. O quadro teórico no qual esta reflexão está inserida, ou seja, da Semântica do Acontecimento, permite-nos afirmar que o sentido de uma palavra se dá por meio da relação que exerce com as outras dentro de um determinado texto. Por isso, precisa ser pensada em um espaço de enunciação específico.

É importante destacarmos que, para o desenvolvimento dos estudos da enunciação enquanto acontecimento de linguagem, o semanticista Eduardo Guimarães buscou suporte nos estudos desenvolvidos por Benveniste (1970), em *O aparelho Formal da Enunciação*, “para quem a enunciação é a língua posta em funcionamento pelo locutor” (Guimarães, 2005, p. 11), e em Ducrot (1984), no livro *Esboço de uma Teoria Polifônica*, “para quem a enunciação é o evento do aparecimento da linguagem” (Guimarães, 2005, p. 11). Porém, para Guimarães, a enunciação ocorre a partir de agenciamentos específicos da língua, ou seja, no acontecimento da linguagem.

Para o desenvolvimento das análises aqui apresentadas, assumimos, assim como Guimarães (2005), que as palavras produzem sentido na relação do sujeito com a língua; por isso, precisam ser pensadas na relação com o social, com o político, isto é, em um espaço de enunciação específico. Assim, a enunciação se dá no funcionamento da língua, enquanto um acontecimento de linguagem.

Conforme Guimarães (2007a), o acontecimento pode ser caracterizado a partir de quatro elementos: *a língua, o sujeito constituído na língua em que se enuncia algo, a temporalidade e o real*, por se tratar de uma materialidade histórica do real. Assim, é na/pela temporalidade do acontecimento que tanto o sujeito quanto o sentido se constituem. Nessa perspectiva, a temporalidade assume um lugar bastante relevante na construção do acontecimento enunciativo.

Desse modo, a temporalidade do acontecimento se configura por um presente e traz uma latência de futuro, uma futuridade, que abre possibilidades de interpretação "e um passado que, enquanto rememoração de enunciações, não é lembrança ou recordação

peçoal de fatos anteriores" (Guimarães, 2007a, 204). Nesse sentido, a temporalidade do acontecimento de linguagem não se constitui de fatos cronológicos, mas de fatos de linguagem de forma que toma "o passado não enquanto lembrança (individual), mas enquanto rememoração de enunciações e abre ao mesmo tempo uma latência de futuro" (Silva, 2011, p. 9).

Nessa perspectiva, as palavras constituem sentido no interior da enunciação, ou seja, no acontecimento em que funcionam. Diante disso, o texto deve ser compreendido como sendo uma unidade de significação e não apenas como um "composto por segmentos, mas como integrado por elementos linguísticos de diferentes níveis e que significam em virtude de integrarem esta unidade. O sentido dos enunciados é produzido por esta relação de integração" (Guimarães, 2011, p. 22–23). E essa relação de integração é constituída no espaço de enunciação, que é um lugar de funcionamento da língua, de divisões de língua atribuídas diferentemente e politicamente, onde são constituídos sujeitos distintos, ou seja, onde sujeitos e linguagem se interrelacionam.

Assim, a enunciação é remetida a um sujeito falante que se configura não como um ser empírico, mas um ser político que se constitui nos espaços de enunciação que distribuem papéis distintos aos falantes que neles "habitam". São espaços que "se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante" (Guimarães, 2011, p. 18), por uma relação de litígio que objetiva compreender o real simbolizado por meio da linguagem.

Por ser o acontecimento indissociável a esse espaço de enunciação, ele deve ser considerado um lugar de disputa entre falantes, os quais são sujeitos de linguagem afetados pela ideologia, o que conduz ao aspecto social dessa relação. Entretanto, esse espaço enunciativo é gerenciado por uma hierarquia de identidades que distribui, de forma diferente e desigual, os falantes e sua língua. Sendo que estar identificado pela "divisão da língua é estar destinado, por uma deontologia global da língua, a poder dizer certas coisas e não outras, a poder falar de certos lugares de locutor e não de outros, a ter certos interlocutores e não outros" (Guimarães, 2005, p. 21). Com isso, é estabelecido o que o falante pode ou não dizer e uma divisão entre o sujeito e os sentidos produzidos, devido ao atravessamento político.

Procedimentos de análise: Domínio Semântico de Determinação (DSD), reescrituração e articulação

Outro aspecto que deve, de acordo com Guimarães (2004), ser considerado na análise do sentido é a *designação* de palavras- que se dá por meio da constituição do *Domínio Semântico de Determinação* (DSD), que é uma maneira de se pensar as palavras a partir da relação de umas com as outras. Para constituirmos o DSD das palavras *manifestante* e *manifestação*, utilizaremos a seguinte representação:

- A) \top , \perp , \vdash , \dashv (indicam, em qualquer direção, “determina”);
B) o traço — (indica uma relação de “sinonímia”);
C) o traço contínuo horizontal _____ que divide o DSD (indica uma relação de antonímia).

Para complementar o processo de constituição do sentido de uma palavra a partir da análise do DSD, é necessário considerarmos dois procedimentos de textualização que são fundamentais e constituem a enunciação: a reescrituração e a articulação.

Quanto à reescrituração, ela funciona como um mecanismo de busca no interior do texto de expressões linguísticas que repetem/ redizem insistentemente o que já foi dito, de forma que os "já-ditos" sejam interpretados e percebidos de maneiras distintas cada vez que aparecem no texto, de modo a atribuir algo relativo a uma predicação ao que se encontra como reescriturado. Para explicar melhor sobre esse procedimento de textualização, Guimarães (2007a) apresenta alguns modos de redizer, os quais contribuem para a constituição do sentido, são eles:

- a) *Repetição*: que se dá pela retomada de uma expressão linguística dentro do texto, podendo ser completa ou por redução.
- b) *Substituição*: ocorre quando uma expressão é retomada por outra no decorrer do texto.
- c) *Elipse*: o termo é reescrito de forma elipsada.
- d) *Expansão*: ocorre quando uma expressão é expandida em outro ponto do texto.
- e) *Condensação*: condensa algo que foi dito anteriormente no texto.
- f) *Definição*: é o procedimento em que uma reescrituração por expansão se dá como um modo de definir algo.

Esses procedimentos podem ocorrer por *sinonímia*, *especificação*, *desenvolvimento*, *generalização*, *totalização* e *enumeração*. A sinonímia se dá quando uma expressão ou palavra é reescrita por outra que tem o mesmo sentido que ela. A especificação se dá com a substituição de um termo por outro, de modo que a reescrituração do termo é determinada pela expressão que o retoma. O desenvolvimento ocorre quando uma sequência desenvolve uma palavra ou expressão no texto em que funciona. Já a generalização se dá com a reescrita de uma palavra (ou expressão) por outra generalizadora. A totalização pode ser observada quando um termo totalizador determina os totalizantes. E, por fim, temos a enumeração, que ocorre quando o enumerado determina as palavras ou expressões que enumera.

Quanto à articulação, é um procedimento que compreende as relações de sentido estabelecidas entre as palavras, no agenciamento enunciativo, abarcadas pela textualidade. Tal procedimento possibilita a compreensão do modo como os elementos linguísticos se apresentam e significam em termos de proximidade, pelo agenciamento (Guimarães, 2007a).

É importante ressaltarmos que esses dois procedimentos atuam no acontecimento da enunciação e serão fundamentais para a constituição dos sentidos que é a predicação, de maneira que “as palavras ou expressões com as quais a palavra analisada é reescrita ou está articulada estabelecem uma predicação, isto é, algo do seu sentido é atribuído à palavra reescriturada, determinando-a” (Machado, 2010, p. 140).

Com base nesse campo teórico-metodológico, desenvolvemos a análise do nosso *corpus*, apresentada a seguir.

A cena enunciativa

Na cena enunciativa produzida nesse acontecimento de linguagem (ou seja, no pronunciamento proferido pela ex-presidente Dilma Rousseff), há a presença de um Locutor (L) e de um locutor-x que fala do lugar social de locutor- presidente (l-x) enquanto um ser político, autorizado por esse lugar social do dizer³. Nesse acontecimento, o Locutor, ao ser agenciado do lugar social de presidente (em língua portuguesa), fala sobre as manifestações ocorridas pelas ruas do Brasil, uma vez que está autorizado a dizer desse lugar, ou seja, do lugar de locutor-presidente que fala em língua portuguesa. Esse lugar é marcado pelo próprio ato da presidente de realizar um pronunciamento em rede nacional.

Essa marcação evidencia que há alguém que ocupa uma posição de autoridade na política brasileira, na presidência/no governo do Brasil, no caso, Dilma Rousseff. O Locutor, ao falar enquanto tomado pelo lugar de presidente, está autorizado a definir as manifestações, apontar soluções para minimizar os problemas presentes no Brasil, ouvir os manifestantes e atender às suas reivindicações. Enquanto locutor-presidente, o Locutor se dá como origem do ato de realizar um pronunciamento em rede nacional porque está autorizado a dizer desse lugar.

No decorrer do texto, alguns enunciados marcam esse lugar social de locutor-presidente e evidenciam a posição ocupada por Dilma Rousseff na política brasileira. Antes de iniciarmos as análises desses enunciados, torna-se importante esclarecermos que nossa análise da cena enunciativa produzida nesse acontecimento começa por passagens localizadas no meio do texto, depois utiliza passagens localizadas no início desse pronunciamento. Isso porque o nosso foco inicial é observar como *manifestação* e *manifestante* estão sendo significados nesse acontecimento enunciativo.

Em se tratando dos enunciados que marcam o lugar social de locutor-presidente no texto, tomamos inicialmente o seguinte enunciado:

³ Isto significa que “para o Locutor se representar como origem do que enuncia, é preciso que ele seja agenciado de um lugar social de locutor” (Guimarães, 2011, p. 22).

- (1) “Como presidenta, eu tenho a obrigação tanto de ouvir a voz das ruas, como de dialogar com todos os segmentos, mas tudo dentro do primado da lei e da ordem, indispensáveis para a democracia”.

O mesmo ocorre mais à frente no texto (no momento em que o Locutor, enquanto um locutor- presidente, diz *o meu governo*) no seguinte enunciado:

- (2) “eu quero repetir que o meu governo está ouvindo as vozes democráticas que pedem mudança. Eu quero dizer a vocês que foram, pacificamente, às ruas: Eu estou ouvindo vocês!”

Nessa direção, observamos que o locutor-presidente está autorizado a falar deste lugar, como autoridade na política brasileira e “chefe” da nação. E, ao enunciar, esse Locutor instala no texto o lugar do Alocutário, constituído pela cena enunciativa. Essa relação está marcada, nesse acontecimento, pela referência que o Locutor, enquanto locutor-presidente, faz aos manifestantes em algumas partes do texto. Essa referência se dá, por exemplo, por reescritura da palavra *manifestantes* pela expressão *vozes democráticas*, que por sua vez é reescriturada por *vocês*. Isso, por outro lado, permite-nos afirmar que, nesse acontecimento, o Locutor enuncia enquanto locutor-presidente e constitui para o texto o lugar social de alocutário-manifestante.

Ainda observamos nesse acontecimento que o lugar social de presidente não constitui somente um alocutário, ou seja, o alocutário-manifestante, mas também constitui a figura do alocutário- brasileiro para quem se dirige em certos momentos. Desse modo, nessas relações enunciativas, há a constituição de um alocutário duplo. Ao dizer, por exemplo, *vozes democráticas* e *vocês*, o Locutor, enquanto locutor-presidente, faz referência aos manifestantes, conforme mostrado anteriormente. No entanto, ao assumir a palavra, o lugar social de presidente também fala aos brasileiros, ao fazer uma promessa a eles de que a ordem será mantida, porque está autorizado a dizer desse lugar, como autoridade na política brasileira e no governo.

Assim, do lugar de presidente, a enunciação toma os manifestantes como alocutário, como dito acima, mas também toma, pela expressão *todos os segmentos*, não só os manifestantes mas toda a sociedade, os brasileiros. Ainda fala sobre algumas das consequências trazidas com a realização das manifestações e esclarece sobre o dinheiro destinado pelo Governo Federal para a realização da Copa do Mundo, que seria posteriormente, em 2014, sediada pelo Brasil, como podemos observar nos recortes (3) e (4), a seguir.

- (3) “Todas as instituições e os órgãos da Segurança Pública devem coibir, dentro dos limites da lei, toda forma de violência e vandalismo. Com equilíbrio e serenidade,

porém, com firmeza, vamos continuar garantindo o direito e a liberdade de todos. Asseguro a vocês: vamos manter a ordem”.

- (4) “Brasileiras e brasileiros, as manifestações dessa semana trouxeram importantes lições: as tarifas baixaram e as pautas dos manifestantes ganharam prioridade nacional.”

Desse modo, o locutor-presidente faz, conforme aparece no recorte (3), aos brasileiros (significado por *vocês*, que é uma reescrituração de *brasileiros* nesse recorte) uma promessa assegurando que a ordem será mantida (em: *Asseguro a vocês: vamos manter a ordem*). No recorte (4), o locutor-presidente fala ao alocutário-brasileiro sobre as consequências das manifestações, em: *Brasileiras e brasileiros, as manifestações dessa semana trouxeram importantes lições: as tarifas baixaram e as pautas dos manifestantes ganharam prioridade nacional*. Nesse recorte, o termo *brasileiros* está significado pela relação que estabelece com o vocativo *Brasileiras e brasileiros* (que aparece no início desse recorte), uma vez que *brasileiros e brasileiras* é uma reescritura da palavra *todos* (presente nesse pronunciamento), que significa “todos os brasileiros”.

Assim observamos que, ao ser agenciado como locutor-presidente, o Locutor instala na enunciação a figura do Alocutário. Esse lugar está marcado nos enunciados que fazem referência aos brasileiros, como em *Asseguro a vocês*, no qual a palavra *vocês* aparece como uma reescritura de *todos*, ou seja, de “todos os brasileiros” Desse modo, o locutor-presidente direciona a sua fala aos brasileiros (*vocês*) para quem diz sobre as manifestações, suas possíveis conquistas, faz promessas e esclarecimentos, constituindo assim o lugar de alocutário-brasileiro. Esse lugar está marcado também, e em especial, pelo uso do vocativo *brasileiros e brasileiras* presente no recorte (4), apresentado acima, o que torna ainda mais explícita a constituição do alocutário-brasileiro pelo locutor-presidente. Nessa medida, o locutor-presidente fala ao seu duplo alocutário (alocutário-manifestante e alocutário-brasileiro).

Há no texto um aspecto importante em relação ao modo de funcionamento da palavra *vocês* que precisamos observar por haver um interessante deslizamento semântico para a constituição de outros sentidos, no acontecimento de linguagem em que essa palavra funciona. Esse deslizamento se caracteriza pela mudança do sentido inicial da palavra *vocês* para um sentido posterior, a qual é possibilitada pelo processo de reescritura desse elemento do texto.

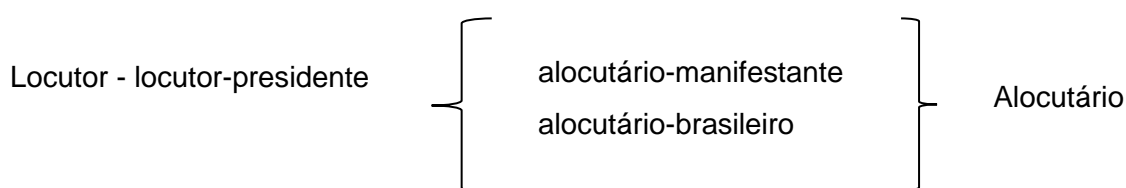
Ao observarmos *vocês*, no recorte (3), em *Asseguro a vocês: vamos manter a ordem*, presente no início do discurso de Dilma Rousseff, notamos que essa palavra é uma reescritura de *todos* (em: *todos nós, brasileiras e brasileiros e vamos continuar garantindo o direito e a liberdade de todos*), o que faz com que *vocês* signifique, nesse acontecimento, “todos os brasileiros”. Diferentemente do *vocês* que aparece em *Eu estou ouvindo vocês*, no recorte (2),

localizado no final do referido discurso, em que a palavra *vocês* não é “vocês todos”, ou seja, não significa “todos os brasileiros”, uma vez que exclui aqueles que fazem parte do conjunto representado nesse texto por *uma minoria violenta e autoritária*, havendo, assim, uma restrição. Por outro lado, não temos no texto mais os *manifestantes* (eles), as *vozes democráticas*, mas *vocês*.

Nessa direção, há no texto um distanciamento do locutor-presidente ao se referir às *vozes democráticas* e uma aproximação com o *vocês*, a quem direciona a sua fala. Isso nos permite afirmar que em cada um desses casos o *vocês* reescreva termos distintos, o que faz com que também signifique de forma diferente. Em *Asseguro a vocês: vamos manter a ordem*, *vocês* significa “todos os brasileiros”. Já em *Eu estou ouvindo vocês*, a palavra *vocês* significa aqueles que não fazem parte do conjunto representado pelos *manifestantes não pacíficos* (*minoria violenta e autoritária*). E, no último caso, *vocês* significa aqueles que não estão representados pelo conjunto dos *manifestantes* (eles), pelas *vozes democráticas*. Isso que constitui a diferença no modo como a palavra *vocês* funciona nesse texto.

Nessa cena enunciativa, temos o que Guimarães (2011) chama de *lugar de dizer, de enunciador*, que pode se tratar, nesse caso, de um lugar de dizer que se representa como individual, isto é, aquele que se dá apenas como a origem do dizer. Isso pode ser verificado, por exemplo, nos recortes (1) (*eu tenho a obrigação*) e (2) (*eu quero repetir/ eu quero dizer*). Nesses recortes, o pronome na primeira pessoa do singular “eu” pode ser um índice de um Enunciador Individual, ou seja, uma marca de representação do lugar do dizer, pois, conforme Guimarães (2011), é um *eu* que desconhece que diz de um determinado lugar social, significando-se apenas como a origem do dizer.

Então, temos:



Nessas distintas relações de enunciação, notamos que o Locutor se dirige a dois grupos distintos, ora se dirige aos manifestantes, ora aos brasileiros. No decorrer do texto, isso pode ser observado nos enunciados marcados pela referência aos manifestantes, como ocorre no enunciado (2) (*vozes democráticas* e *vocês*), bem como naqueles enunciados em que há referência aos brasileiros, especialmente pelo uso do vocativo *Brasileiros* e *brasileiras*, como ocorre no recorte (3).

Porém o Locutor não se divide apenas em lugar social de presidente. As relações enunciativas apresentadas nos permitem afirmar que o Locutor, ao tomar a palavra se divide

também em lugar social de brasileiro, ou seja, também fala enquanto locutor-brasileiro. Esse lugar social está marcado por vários enunciados presentes no texto, como o que segue:

- (5) “todos nós, brasileiras e brasileiros, estamos acompanhando, com muita atenção, as manifestações que ocorrem no país. Elas mostram a força de nossa democracia e o desejo da juventude de fazer o Brasil avançar. Se aproveitarmos bem o impulso desta nova energia política, poderemos fazer, melhor e mais rápido, muita coisa que o Brasil ainda não conseguiu realizar por causa de limitações políticas e econômicas”.

O locutor-brasileiro, ao falar das manifestações e apresentar uma condição para que sejam realizadas mudanças que o Brasil ainda não conseguiu realizar (quando diz *Se aproveitarmos bem o impulso desta nova energia política*), diz de um lugar autorizado, como um brasileiro, a partir do qual institui um alocutário-brasileiro. Esse lugar social, constituído na enunciação, é marcado nesse acontecimento pela presença do pronome pessoal, na primeira pessoa do plural, *nós*.

As relações estabelecidas nessa cena enunciativa ainda nos possibilitam dizer que o Locutor, tomado do lugar de locutor-brasileiro, fala a seu alocutário-brasileiro. Nessa perspectiva, há uma identificação do locutor e do alocutário com o lugar do brasileiro. De modo que, ao enunciar, por exemplo, *todos nós, brasileiras e brasileiros, estamos acompanhando, com muita atenção, as manifestações que ocorrem no país*, há uma inclusão do Locutor na categoria do Alocutário, marcada pelo emprego do *nós*, e a identificação locutor-alocutário, como se estivessem em lugares correlatos, o de brasileiros, significado pela reescrituração apositiva do *nós* por *brasileiros* e *brasileiras*. Nesse sentido, observamos que o emprego do *nós* produz nesse acontecimento um efeito de igualdade entre Locutor e Alocutário e locutor-x e alocutário-x. Isso significa que há um locutor-brasileiro que diz a um alocutário-brasileiro, ou seja, é um igual dizendo aos seus iguais; um indivíduo que diz a si mesmo, bem como aos outros indivíduos.

Diante disso, nota-se que a enunciação desse acontecimento se apresenta como se dando do lugar social de brasileiro para o brasileiro, como se essa divisão (Locutor (L) e locutor-brasileiro) fosse coletiva, compartilhada por todos. Esse efeito de coletividade é produzido no texto pelo uso do pronome *nós*, ou seja, pelo “eu” que diz “nós” + os outros que também dizem “nós”; nesse caso, os brasileiros. Nessa direção, podemos dizer que o enunciador dessa cena é um enunciador coletivo. No recorte (6), por exemplo, notamos que há um Locutor que se significa como aquele que é igual aos seus iguais ao dizer: *Se aproveitarmos, poderemos fazer, melhor e mais rápido, muita coisa*, uma vez que fala do lugar de brasileiro.

Outro aspecto interessante que observamos no texto corresponde às relações no plano político e no plano pessoal que o locutor-presidente estabelece, ao longo desse acontecimento, ao falar a seu alocutário. O que podemos perceber nos recortes:

- (6) “Minhas amigas e meus amigos, todos nós, brasileiras e brasileiros, estamos acompanhando, com muita atenção, as manifestações que ocorrem no país”.
- (7) “Brasileiras e brasileiros, precisamos oxigenar o nosso velho sistema político. Encontrar mecanismos que tornem nossas instituições mais transparentes, mais resistentes aos malfeitos e acima de tudo mais permeáveis à influência da sociedade”.
- (8) “Minhas amigas e meus amigos, eu quero repetir que o meu governo está ouvindo as vozes democráticas que pedem mudança”.

A partir dos recortes acima, nota-se que o Locutor, enquanto locutor-presidente, constitui com seu alocutário- brasileiro ora uma relação no plano pessoal, ora no plano político. No início do texto o locutor-presidente estabelece com seu alocutário-brasileiro uma relação no plano pessoal ao representá-lo como *Minhas amigas e meus amigos*, conforme apresentado no recorte (6). Nesse momento, o locutor-presidente pode estar estabelecendo uma maior proximidade com o alocutário-brasileiro. Nesse movimento o locutor-presidente se apresenta também como locutor-brasileiro. Mais à frente no texto, como pode ser visto no recorte (7), o locutor-presidente estabelece uma nova relação com o alocutário-brasileiro, ou seja, uma relação no plano político, ao dizer *Brasileiras e brasileiros*- estabelecendo assim uma relação de distanciamento, diferente daquela que foi estabelecida anteriormente. Entretanto, para finalizar o texto, o locutor-presidente volta a estabelecer uma relação no plano pessoal com seu alocutário-brasileiro, causando mais uma vez a ideia de proximidade, o que pode ser observado no recorte (8), quando diz *Minhas amigas e meus amigos*.

Temos, então, nesse acontecimento de linguagem, um locutor-presidente e um duplo alocutário (alocutário-manifestante e alocutário-brasileiro) para quem o locutor direciona a sua argumentação. Esse locutor-presidente diz de um lugar do qual está autorizado a dizer, como uma autoridade na política brasileira e presidente da república, fala sobre as manifestações, as melhorias que podem trazer para o país, define e critica as manifestações e os manifestantes *não pacíficos*, que aparecem significados no texto por expressões como *essa violência, uma minoria violenta e autoritária, alguns arruaceiros*, como mostraremos mais à frente em nossas análises quando evidenciaremos os sentidos constituídos no pronunciamento para *manifestante e manifestação*.

O locutor-presidente também faz promessa de manter a ordem, afirma ouvir os manifestantes e suas reivindicações. Ainda temos um locutor-brasileiro que fala a seu alocutário-brasileiro. Desse modo, o Locutor e o locutor-x, afetado do lugar social de brasileiro, enuncia sobre as manifestações e aponta algumas ações que os brasileiros podem realizar

para que ocorram melhorias no Brasil. Ao enunciar desse lugar de locutor-brasileiro, ele se inclui na classe “brasileiros” e fala a si mesmo quanto aos outros indivíduos, ou seja, aos seus iguais, o que é marcado no decorrer do texto pela marca da primeira pessoa do plural (*nós*).

Como se pode notar, realizamos aqui a análise da cena enunciativa produzida nesse acontecimento de linguagem. Agora passaremos à análise das designações de *manifestação* e *manifestante*, de modo que serão observados primeiro os sentidos para *manifestação* constituídos nesse pronunciamento e, em seguida, os sentidos de *manifestante* produzidos nesse acontecimento de linguagem.

As Designações de *manifestante* e *manifestação*

O texto analisado foi produzido em junho de 2013, período no qual o Brasil viveu um dos principais momentos da sua história, uma vez que foi palco de protestos populares que tiveram um formato inédito no país. Essas manifestações merecem destaque por terem levado às ruas de várias cidades brasileiras milhares de pessoas com diferentes idades, objetivos, demandas etc., ou seja, colocaram em cena “novos” sujeitos. Além disso, as manifestações desse período se destacam por terem pressionado a classe política, principalmente o Governo Federal, a posicionar-se diante das reivindicações feitas pelos sujeitos manifestantes. É nesse contexto que a então presidente do Brasil, Dilma Rousseff, em rede nacional, faz seu pronunciamento sobre essas manifestações que vinham ocorrendo no país, naquele período.

Levando em consideração essas circunstâncias, tomamos esse acontecimento para realizarmos a descrição do funcionamento semântico-enunciativo da palavra (sua designação) *manifestação*. Para tanto, selecionamos seis recortes nos quais há a ocorrência dessa palavra, considerados como decisivos para a sua designação. Uma hipótese que levantamos é que existe uma relação de sentido entre as palavras *manifestante* e *manifestação* nesse acontecimento de linguagem.

Outro aspecto que nos chamou atenção nesse texto foi a divisão de *manifestação* em dois tipos: *pacífica* e *não pacífica* (mesmo que o texto não utilize em nenhum momento a expressão *manifestação não pacífica*). Essa tipificação que ocorre no pronunciamento nos sugere haver uma legitimação da *manifestação pacífica* por parte do Governo Federal e, conseqüentemente, a deslegitimação de *movimentos não pacíficos*, *violentos*, como apresentaremos mais à diante. Ainda, acreditamos que, no texto em questão, *manifestante pacífico* pode estabelecer uma relação de sentido com *manifestação pacífica*, do mesmo modo que pode haver uma relação de sentido entre *manifestação não pacífica* e *manifestante não pacífico*.

Uma observação inicial do texto nos leva a algumas expressões que apontam a existência dessas relações de sentido (todas elas trazem a palavra *pacífico* reescriturada por repetição). Assim, na ordem que aparecem no texto, temos: *forma pacífica*, *movimento*

pacífico, mensagem pacífica que desembocam em *manifestações pacíficas* e em *vocês que foram, pacificamente, às ruas*. Também encontramos nesse texto expressões (com a reescrituração de *violenta* ou *violência*) como *uma minoria violenta, autoritária, essa violência promovida por uma pequena minoria* que desembocam em *barulho e truculência de alguns arruaceiros* e em *violência e arruaça*. Essas relações de sentido serão detalhadas mais à frente nas nossas análises.

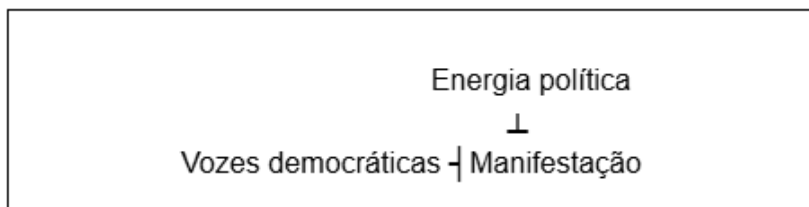
Também observamos que existe, no texto em questão, um modo interessante de funcionamento das palavras *ordem* e *paz*, as quais aparecem poucas vezes no pronunciamento (*paz* aparece três vezes e *ordem* apenas uma vez). Essas palavras apresentam, dentro do texto, não um conjunto de todas as manifestações e manifestantes, ou seja, as *manifestações e manifestantes pacíficos e não pacíficos*, mas uma parcela dos manifestantes e das manifestações. Desse modo, as palavras *ordem* e *paz*, nesse pronunciamento, referem-se a *manifestações pacíficas* e a *vocês que foram, pacificamente, às ruas*, ou seja, aos *manifestantes pacíficos*.

Iniciaremos nossas análises pela compreensão do sentido da palavra *manifestação* dentro do texto. Depois, analisaremos o sentido da palavra *manifestante*. Como informamos anteriormente, nesse texto, tanto *manifestante* quanto *manifestação* aparecem na sua forma plural (*manifestantes/manifestações*). A seguir, apresentamos os recortes que foram selecionados para análise da palavra *manifestação*, os quais consideramos suficientes para a constituição do sentido dessa palavra no texto em questão. Ressaltamos que encontramos poucas ocorrências do termo *manifestações* durante a seleção dos recortes, porém as determinações apresentadas por eles são satisfatórias para nossas análises. Seguem os recortes:

- (9) “Minhas amigas e meus amigos, todos nós, brasileiras e brasileiros, estamos acompanhando, com muita atenção, as manifestações que ocorrem no país. Elas mostram a força de nossa democracia e o desejo da juventude de fazer o Brasil avançar”.
- (10) “Se aproveitarmos bem o impulso desta nova energia política, poderemos fazer, melhor e mais rápido, muita coisa que o Brasil ainda não conseguiu realizar por causa de limitações políticas e econômicas”.
- (11) “as manifestações dessa semana trouxeram importantes lições: as tarifas baixaram e as pautas dos manifestantes ganharam prioridade nacional. Temos que aproveitar o vigor destas manifestações para produzir mais mudanças que beneficiem o conjunto da população brasileira [...]”.
- (12) “Minhas amigas e meus amigos, eu quero repetir que o meu governo está ouvindo as vozes democráticas que pedem mudança. Eu quero dizer a vocês que foram, pacificamente, às ruas: Eu estou ouvindo vocês! E não vou transigir com a violência e a arruaça. Será sempre em paz, com liberdade e democracia que vamos continuar construindo juntos este nosso grande país. Boa noite”.

Daremos início às nossas análises pelo recorte (9), no qual a palavra *manifestações* aparece reescrita de duas maneiras distintas (por anáfora e por elipse). Nesse enunciado, que se localiza no primeiro parágrafo do texto, há a ocorrência da palavra *manifestações*, que se articula com *que ocorrem no país* e a predica. Nesse mesmo recorte, *manifestações* é reescrita por anáfora pelo pronome *Elas* -que está especificado por *mostram a força de nossa democracia* e *o desejo da juventude*, que, por sua vez, articula-se e é especificada por *de fazer o Brasil avançar*. Se o termo *Elas*, nesse recorte, significa *manifestações*, isso quer dizer que *manifestações* aparece reescrita de dois modos distintos: o primeiro, por anáfora (*Elas*); e o segundo, por elipse de *manifestações* (em (mostram) *o desejo da juventude*). Desse modo, *manifestações* se articula com as expressões *mostram a força de nossa democracia* e (mostram) *o desejo da juventude*.

O que se observa, ao lado disso, é que *manifestações*, que aparece no recorte (9), é reescriturada, no recorte (10), por expansão por *energia política*. Já no recorte (11), há uma reescrituração de *manifestações* por repetição. No recorte (12), podemos considerar que *vozes democráticas* é uma reescrituração por expansão de *manifestações*. Ou seja, podemos dizer que *energia política* e *vozes democráticas* determinam semanticamente *manifestações*. Podemos, então, considerar que a designação de *manifestação*, nesse texto, pode ser, inicialmente, apresentada pelo DSD-1 abaixo:



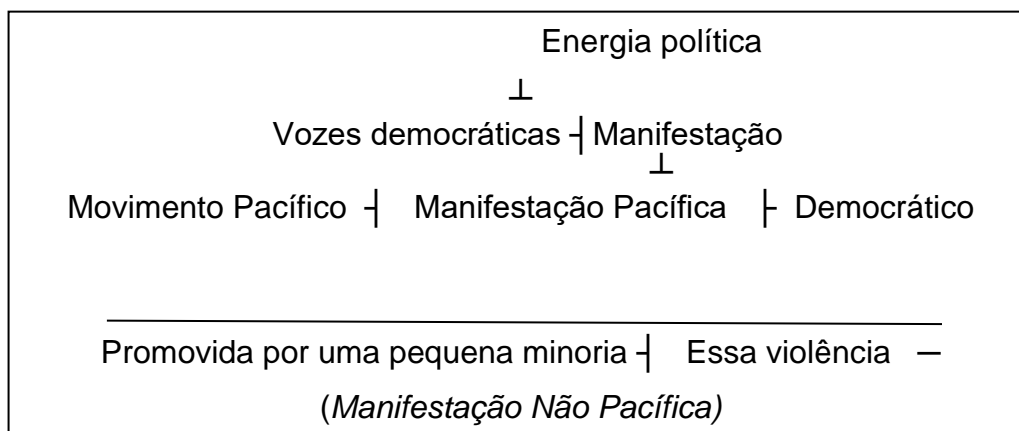
Uma observação atenta nos leva a perceber que, nesse acontecimento, há uma divisão de *manifestação* em *pacífica* e *violenta (não pacífica)*, o que, em certa medida, poderá contribuir para a constituição do sentido de *manifestação*. Apesar de não haver no texto a presença da expressão *manifestação não pacífica*, ele traz expressões que significam como opostas à expressão *manifestação pacífica* nesse acontecimento, como é o caso de essa *violência*, que se apresenta como um sinônimo de *manifestação não pacífica* e um antônimo de *manifestação pacífica*. As reescriturações de *manifestações pacíficas* e essa *violência (manifestação não pacífica)*, bem como a presença de uma relação de antonímia entre elas, pode-se notar nos seguintes recortes:

- (13) “O Governo e sociedade não podem aceitar que uma minoria violenta e autoritária destrua o patrimônio público e privado, ataque templos, incendeie carros, apedreje ônibus e tente levar o caos aos nossos principais centros urbanos. Essa violência, promovida por uma pequena minoria, não pode manchar um movimento pacífico e democrático”.

- (14) “A mensagem direta das ruas é pacífica e democrática”.
- (15) “Anuncio que vou receber os líderes das manifestações pacíficas, os representantes das organizações de jovens, das entidades sindicais, dos movimentos de trabalhadores, das associações populares. Precisamos de suas contribuições, reflexões e experiências. De sua energia e criatividade, de sua aposta no futuro e de sua capacidade de questionar erros do passado e do presente”.

No recorte (13), *manifestação pacífica* é reescrita por substituição por *movimento pacífico*. Ainda aparece reescriturada por elipse de *movimento* (em (movimento) *democrático*), que está caracterizado por *democrático*. Isso nos permite dizer que *movimento pacífico* e *democrático* determinam semanticamente *manifestações*. Já a expressão *essa violência* (significada nesse acontecimento como sinonímia de *manifestação não pacífica*) é especificada por *promovida por uma pequena minoria* e estabelece uma relação de antonímia com *manifestações pacíficas*, presente no recorte (15), que analisaremos a seguir. Destacamos que, logo após, tomaremos o recorte (14) para darmos sequência à nossa análise.

Como podemos notar, no recorte (15), a presidente diz que receberá os líderes das *manifestações pacíficas* (em: *Anuncio que vou receber os líderes das manifestações pacíficas*), o que significa, implicitamente, que não receberá os líderes das *manifestações não pacíficas* (nesse acontecimento, significadas como um sinônimo de *essa violência*). Isso nos permite dizer que, nesse texto, *manifestação não pacífica*, mesmo que não nomeada dessa maneira, está significadas como antônima de *manifestação pacífica*. E isso produz, no presente texto, a caracterização de uma *manifestação* que se dá com palavras como *pacífica*, *democrática*, entre outras predicções sinônimas. Essas relações nos permitem estabelecer o DSD-2:



Outro aspecto interessante, nesse texto, é que o DSD-2, que apresentamos acima, indica claramente que há uma legitimação da *manifestação pacífica* pelo Governo, em

contraposição a essa *violência* (a manifestação não nomeada enquanto tal). Isso pode ser observado no recorte (14): “A **mensagem direta das ruas** é pacífica e democrática”.

Nesse recorte, a palavra *manifestações* é reescriturada por substituição por *mensagem direta das ruas* e predicada por *pacífica* e *democrática*. Essa predicação, que se configura pela predicação *é pacífica e democrática*, atribui à *manifestação* duas características que a coloca numa relação de igualdade com *manifestações pacíficas*, ou seja, de ser *pacífica* e *democrática*. Portanto, a *manifestação* é significada no dizer do Governo como *pacífica* e *democrática*. É nessa medida que há uma descaracterização da *manifestação não pacífica* (*Essa violência*) como uma forma de manifestação e, conseqüentemente, a sua deslegitimação por parte do Governo, e uma legitimação da *manifestação pacífica*, que guarda relação com a designação de *manifestação*.

Passamos, agora, à análise do sentido de *manifestante* nesse acontecimento. Para tanto, selecionamos os seguintes recortes:

- (16) “O Brasil lutou muito para se tornar um país democrático. E também está lutando muito para se tornar um país mais justo. Não foi fácil chegar onde chegamos, como também não é fácil chegar onde desejam muitos dos que foram às ruas”.
- (17) “Os manifestantes têm o direito e a liberdade de questionar e criticar tudo. De propor e exigir mudanças. De lutar por mais qualidade de vida. De defender com paixão suas ideias e propostas. Mas precisam fazer isso de forma pacífica e ordeira”.
- (18) “as manifestações dessa semana trouxeram importantes lições: as tarifas baixaram e as pautas dos manifestantes ganharam prioridade nacional.”

Assim como a palavra *manifestações*, o termo *manifestantes* aparece poucas vezes ao longo desse texto. Entretanto, os recortes selecionados são suficientes para analisarmos o funcionamento semântico- enunciativo de *manifestante*. No recorte (16), por exemplo, não aparece o termo *manifestantes*, mas uma reescrituração dessa palavra por expansão por *dos que foram às ruas*. Por outro lado, no recorte (17), o termo *manifestantes* é reescriturado por repetição e articula-se com *têm o direito*. Nesse mesmo recorte, *manifestantes* também articula-se com algumas expressões (como: *liberdade de questionar, criticar tudo; De propor, exigir mudanças; De lutar por mais qualidade de vida*) na forma de elipse. No recorte (18), o termo *manifestantes* também aparece reescriturado por repetição e articula-se com *pautas* (*os manifestantes têm pautas*). Então, podemos dizer que a palavra *manifestantes* é determinada semanticamente por *os que foram às ruas*.

Notamos que há, no decorrer do texto, uma divisão de *manifestante*, assim como acontece com a palavra *manifestação*, de modo que *manifestante* também passa a ser dividido em dois tipos: *manifestante pacífico* e *não pacífico* (mesmo que no texto não sejam utilizadas essas expressões). Apesar de não haver, no pronunciamento, o uso dessas expressões, ele apresenta palavras e expressões que significam nesse acontecimento como

um sinônimo de *manifestante pacífico* e *manifestante não pacífico*. Como se pode observar, por exemplo, nos recortes (19) e (20):

(19) “O Governo e sociedade não podem aceitar que uma minoria violenta e autoritária destrua o patrimônio público e privado, ataque templos, incendeie carros, apedreje ônibus e tente levar o caos aos nossos principais centros urbanos. Essa violência, promovida por uma pequena minoria, não pode manchar um movimento pacífico e democrático”.

(20) “eu quero repetir que o meu governo está ouvindo as vozes democráticas que pedem mudança. Eu quero dizer a vocês que foram, pacificamente, às ruas: Eu estou ouvindo vocês! E não vou transigir com a violência e a arruaça”.

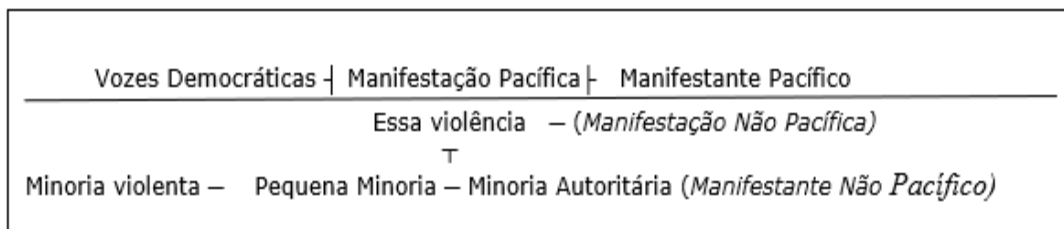
No recorte (19), observamos que a expressão *manifestante não pacífico* aparece significada como um sinônimo (que obscurece a relação com *manifestação*) de *minoria violenta e autoritária* e *pequena minoria*, fazendo significar, nesse acontecimento, *you* (*manifestante pacífico*) como um antônimo de *minoria violenta, autoritária e pequena minoria*. Já no recorte (20), o que se pode observar é que a palavra *you* significa como um sinônimo de *manifestante pacífico* por estar especificada nesse acontecimento por *que foram, pacificamente, às ruas*. Dessa forma, a presidente diz ouvir aqueles manifestantes que são pacíficos, ou seja, que foram pacificamente às ruas manifestar. Assim, nesse acontecimento, faz significar *you* como um sinônimo de *manifestante pacífico*.

Além disso, podemos notar que, nesse acontecimento, o sentido de *manifestante não pacífico* (*minoria violenta/ autoritária/ pequena minoria*) contribui para a constituição do sentido de *manifestação não pacífica* (*essa violência*), uma vez que a *manifestação não pacífica*, ou seja, realizada com violência, é um ato promovido pelo sujeito que manifesta de forma violenta (*não pacífica*). Conforme aparece em: *Essa violência, promovida por uma pequena minoria*. De modo que o adjetivo *pequena* funciona, nesse texto, como uma forma de reafirmar a quantidade de pessoas que agiam de forma violenta durante aqueles protestos, isto é, apenas uma pequena parcela dos manifestantes- a considerada como *não pacífica*.

Nessas relações, também há o estabelecimento de uma relação de sentido entre as *vozes democráticas*, ou seja, *manifestação pacífica*, e o sujeito *manifestante pacífico* (*you que foram, pacificamente, às ruas*), uma vez que só serão ouvidos aqueles manifestantes que realizaram atos pacíficos, ou seja, manifestaram de forma pacífica, não violenta. Se os manifestantes são pacíficos, conseqüentemente, eles realizam atos pacíficos. No caso das manifestações de 2013, as manifestações pacíficas foram realizadas por sujeitos pacíficos, que se reuniram para fazer reivindicações de naturezas distintas (ideológicas, políticas, culturais, sociais etc.). Diante disso, a *manifestação pacífica* (*vozes democráticas*) passa a ter como parte do seu sentido o *manifestante pacífico* (*you que foram, pacificamente, às ruas*). Do mesmo modo que o *manifestante não pacífico* (*minoria violenta/ autoritária/ pequena*

minoría), nesse texto, passa a ser parte do sentido de *manifestação não pacífica* (essa *violência*) por ser o sujeito (*manifestante não pacífico*) responsável por ações violentas.

Com base nas relações de determinação estabelecidas nos recortes (19) e (20), temos o DSD-3:



Nas relações acima, *manifestação pacífica* é determinada por *vozes democráticas* e por *manifestante pacífico*. Ainda, observamos que *manifestação pacífica* estabelece uma relação de antonímia com *manifestação não pacífica* (sinônimo de *Essa violência*). Também notamos que *manifestação não pacífica* (*Essa violência*) está determinada por *pequena minoria*, que estabelece uma relação de sinonímia com *minoría violenta*, *autoritária* e *manifestante não pacífico*.

Um outro aspecto interessante no texto é uma possível legitimação que há da *manifestação pacífica* e do sujeito que manifesta pacificamente (*manifestante pacífico/ vocês*) pelo Governo e, conseqüentemente, a deslegitimação da *manifestação não pacífica* (*Essa violência*) e dos *manifestantes não pacíficos* (*minoría violenta/ autoritária/ pequena minoria*). Isso pode ser confirmado no recorte (20), no qual é dito que serão ouvidas apenas as *vozes democráticas*, ou seja, as *manifestações pacíficas*, bem como os *manifestantes pacíficos*, em *Eu quero dizer a vocês que foram, pacificamente, às ruas: Eu estou ouvindo vocês!*, com os quais o Governo irá negociar. Conseqüentemente, não haverá negociação por parte do Governo com os *manifestantes não pacíficos*, o que se pode notar em *E não vou transigir com a violência e a arruaça*.

Ao lado disso, observa-se a existência de uma relação de antonímia entre *manifestação pacífica* e *não pacífica* (*Essa violência*), bem como entre *manifestante pacífico* (*vocês*, que significa o alocutário como *manifestante pacífico*) e *não pacífico* (*minoría violenta/ autoritária/ pequena minoria*). Nessa medida, *manifestação não pacífica* (*Essa violência*) é do domínio antonímico de *manifestação pacífica*, ao passo que *manifestante não pacífico* (*minoría violenta/ autoritária/ pequena minoria*) é do domínio antonímico de *manifestante pacífico* (*vocês*). Essas contradições colocam o Brasil enquanto lugar de litígio entre *manifestação pacífica*, legitimada pelo Governo, e *manifestação não pacífica*, deslegitimada pelo Governo brasileiro. Ainda, há um conflito instalado entre o *manifestante não pacífico*, desautorizado pelo Governo, e o *manifestante pacífico*, autorizado a manifestar-se. Para

Guimarães (2018), o espaço de enunciação distribui de modo desigual a língua para seus falantes. Por distribuir desigualmente as línguas, o acontecimento enunciativo se constitui como um espaço político e, conseqüentemente, de litígio.

Assim, no memorável das manifestações populares de 2013, no Brasil, observamos que há um conflito entre os sentidos estabelecidos, nesse pronunciamento, dos tipos de *manifestação* e de *manifestante*. Nessa medida, os sentidos produzidos fazem significar uma enunciação que autoriza e legitima a *manifestação pacífica* e o *manifestante pacífico* e desautoriza e deslegitima a *manifestação não pacífica* e o *manifestante não pacífico*.

Considerações finais

A partir das análises realizadas, observamos que, na cena enunciativa estabelecida no pronunciamento proferido por Dilma Rousseff, o Locutor, agenciado do lugar social de presidente (em língua portuguesa), diz sobre as manifestações que estavam ocorrendo pelas ruas do Brasil no mês de junho de 2013. Esse lugar do dizer está marcado pelo ato da presidente realizar um pronunciamento em cadeia nacional de rádio e televisão.

Desse lugar (de locutor-presidente), o Locutor está autorizado a definir as manifestações, apontar soluções para minimizar os problemas presentes no Brasil, ouvir os manifestantes e atender às suas reivindicações, ou seja, a realizar um pronunciamento em rede nacional e falar sobre as manifestações. Ao enunciar, o Locutor, enquanto locutor-presidente, constitui para o texto o lugar social de alocutário-manifestante, para quem diz sobre as manifestações e direciona a sua argumentação. Porém, nesse acontecimento, o lugar social de presidente não constitui somente um alocutário, ou seja, o alocutário-manifestante, mas também instala na cena enunciativa a figura do alocutário-brasileiro para quem o locutor-presidente se dirige ao constituir sua alocução. Desse modo, nessas relações enunciativas, há a constituição de um alocutário duplo.

Outro aspecto interessante que observamos nesse texto é que há, em alguns momentos, um distanciamento do locutor-presidente em relação ao seu alocutário-brasileiro e, em outros, o estabelecimento de uma maior proximidade. Assim, ora o locutor-presidente estabelece uma relação no plano pessoal com o seu alocutário-brasileiro, ora estabelece uma relação no plano político, estabelecendo um maior distanciamento.

Além disso, foi possível percebermos que as relações de sentido e as paráfrases estabelecidas apontam que a designação de *manifestação* é constituída como um movimento caracterizado, principalmente, como *pacífico* e *democrático* e que guarda uma estreita relação com a *manifestação pacífica*. Enquanto a designação de *manifestante* aponta uma relação de sentido em que o *manifestante* é determinado por *que foram às ruas*. Essas relações, ainda, mostram a divisão que há da *manifestação* em dois tipos: *pacífica* e *não pacífica*. O mesmo

ocorre, ao longo do texto, com *manifestante*- que também é tipificado como *pacífico* e *não pacífico*.

Por fim, um aspecto que merece destaque é que tomamos esse pronunciamento como um acontecimento enunciativo que se caracteriza como um espaço de constituição de sentidos e de divisão de línguas, no qual há uma divisão desigual da língua para seus falantes, instalando um litígio. Mas, mesmo sem terem a palavra, “falam”. Nesse texto, observamos que se instala um litígio entre o *manifestante* e a *manifestação* tipificados como *pacíficos* e aqueles qualificados como *não pacíficos*, de modo que, àqueles considerados como *pacíficos*, é dada a palavra e esta é negada àqueles tipificados como *não pacíficos*. Também foi possível compreendermos que o sentido de *manifestante* e *manifestação* se constitui a partir da relação que essas palavras estabelecem com outras nos enunciados nos quais funcionam.

Referências

BRASIL. Biblioteca da Presidência da República. **Pronunciamento da presidenta da república, Dilma Rousseff, em cadeia nacional de rádio e tv**. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/pronunciamento-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-em-cadeia-nacional-de-radio-e-tv>. Acesso em: 3 mai. 2024.

FERREIRA, A. B. H. **MINIAURÉLIO séc. XXI escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. 4. ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GUIMARÃES, E. R. J. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas: Pontes, 2005.

GUIMARÃES, E. R. J. Domínio Semântico de Determinação. In: GUIMARÃES, E. R. J.; MOLLICA, M. C. (org.). **A palavra forma e sentido**. Campinas: Pontes Editores, 2007a. p. 77–84.

GUIMARÃES, E. R. J. **Texto e argumentação**. Campinas: Pontes, 2007b.

GUIMARÃES, E. R. J. **Os limites do sentido**: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. Campinas: Editora RG, 2010.

GUIMARÃES, E. R. J. **Análise do texto**: procedimentos, análise, ensino. Campinas: Editora RG, 2011.

GUIMARÃES, E. R. J. **Semântica**: enunciação e sentido. São Paulo: Pontes, 2018.

HOUAISS, A. *et al.* **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, C. de P. P. **Política e sentidos da palavra preconceito**: uma história no pensamento social brasileiro na primeira metade do século XX. 2010. 258 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

SILVA, E. M. da. **Expectativas correspondidas ou frustradas?** uma análise das estratégias de relação em enunciados com os operadores mas e embora. 2011. 124 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

Sobre a autora

Geane Cássia Alves Sena

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8122-0731>

Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), mestra em Linguística pela Universidade de Franca (Unifran) e graduada em Letras Português pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Professora da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

Recebido em maio 2024.

Aprovado em dez. 2024.